

21. O serviço da unidade

Depois da disciplina do ouvir, da obediência e do silêncio, São Bento nos ensina que podemos crescer na unidade do Corpo de Cristo através do serviço. O ouvir é uma dimensão mais passiva da comunhão, mas quando ouvimos O Verbo de Deus, Jesus Cristo, até o fim, não podemos deixar de entender que Ele nos chama a servir, doando a vida como Ele.

A última palavra do Verbo encarnado antes de morrer por nós foi: "Tudo está cumprido!", e é uma palavra de servo que fez todo o seu dever, que cumpriu toda a sua missão. Antes de morrer, é como se Jesus dissesse ao Pai: "Missão cumprida!". Mas isto, em seus lábios significa: "Amei até o fim! Doei toda a minha vida!". Não é à toa que o capítulo 13 de João começa com as palavras: "Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo que havia chegado sua hora, de passar deste mundo ao Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, os amou até o fim" (Jo 13,1). E como ama Jesus até o fim? Certamente morrendo na Cruz, mas aqui a ilustração deste amor total, é o começar a servir até lavar os pés dos discípulos. Para Cristo, a obediência nasce do ouvir e se realiza no serviço, no perder a vida pelos outros.

São Bento tem tanta convicção disto, que coloca também a oração monástica no âmbito do serviço. Diz que, quando os irmãos estão viajando, devem se preocupar de rezar como podem o Ofício Divino, e acrescenta: "Não negligenciem cumprir com o encargo de seu serviço – *servitutis pensum non negligant reddere*" (RB 50,4).

Sim, para os monges rezar também é um débito serviço, uma tarefa confiada a ser obedecida. Muitas vezes temos uma concepção muito intimista e auto referencial da oração, como se rezássemos apenas para nós mesmos, apenas para estarmos bem e não para servir a Igreja, o povo de Deus e toda a humanidade. Assim, muitas vezes a oração é negligenciada apenas porque "não se quer", porque não nos satisfaz, porque estamos cansados e devemos descansar e nos distrair. Não pensamos na responsabilidade de uma missão que nos foi confiada, de um encargo de serviço que Deus nos confia para o bem de todo o Corpo de Cristo. Obviamente, a oração não deve ser só uma penitência e, por isso se procurou, nos mosteiros, torná-la sempre bonita e agradável. Mas até a beleza é vã e nos cansa, se não for vivida como um serviço a todo o povo de Deus.

Toda a vida no mosteiro é concebida por São Bento como um serviço. Já no prólogo, define o mosteiro como: "escola do serviço do Senhor – *Dominici schola servitii*" (Pról. 45). No capítulo 2, a Regra adverte o abade de que é precisamente este serviço comunitário que torna todos os irmãos iguais em dignidade e portanto, não há lugar no mosteiro para preferências arbitrárias: "Não ponha o homem livre diante daqueles que vieram no mosteiro em uma condição servil (...), porque servos ou livres, em Cristo somos todos um e, tendo um único Senhor, prestamos um serviço igual [*aequalem servitutis militiam baiulamus*]" (RB 2,18-20).

O serviço que une a todos, que mesmo quando é baixo até lavar os pés, é para nós a máxima dignidade e a máxima honra, é o serviço do Senhor, servir o Senhor em tudo e em todos. Todas as diferenças humanas de classe ou dignidade são dissolvidas por

Aquele que servimos, que está acima de todos, o Senhor de todos. Mas também são dissolvidos pelo fato de que o maior entre todos, se tornou nosso servo.

Também nisto, quantas crises de unidade nas comunidades surgem por não servirmos de boa vontade uns aos outros! Mas, em positivo, vemos frequentemente que a unidade de uma comunidade é restaurada e cresce, graças ao serviço escondido e humilde de um irmão ou irmã, que substitui a falta de serviço dos outros. Quando Jesus chamou atenção aos discípulos que Ele estava no meio deles "como aquele que serve" (Lc 22,27), revelou o coração manso e humilde que no meio deles, sem que percebessem, os mantinha unidos por três anos, apesar de todas as faltas e mesquinhez.

Por esse motivo, São Bento pede antes tudo que o abade seja servo de sua comunidade, um servo, por assim dizer, escondido entre as almas e as personalidades dos irmãos. Deve de fato, "*regere animas et multorum servire moribus* – conduzir almas e servir ao caráter de muitos" (RB 2,31). É um trabalho "difícil e árduo", reconhece São Bento (ibidem), mas é este serviço humilde que derrota a divisão em profundidade e faz crescer a comunhão. Admiro sempre os superiores que têm esta paciente caridade que, durante anos, conseguem suportar os defeitos e, muitas vezes, os caprichos de vários irmãos e irmãs, para levá-los a viver novamente em comunhão. Às vezes, consideramos estes superiores sempre pacientes um pouco ingênuos, pouco enérgicos. E, de fato, muitas vezes se deixam "explorar" e "enganar" por certos irmãos. Ao invés, assumem silenciosamente o desprezo, do qual fala São Paulo com relação aos apóstolos (cf. 1Cor 4,9-13), que foi o mesmo desprezo sofrido por Jesus crucificado por nos amar até o fim. Além disso, Jesus não foi muito paciente com Pedro e todos os discípulos, e acima de tudo com Judas? No entanto, sem esta paciência ingênua não haveria Igreja, não seríamos salvos.

Porém este serviço que edifica a comunhão, não foi pedido apenas ao superior, mas para cada irmão. A unidade é construída servindo-se uns aos outros, como Jesus por primeiro lavou os pés dos discípulos, para que aprendessem a lavar os pés "uns aos outros" (Jo 13,14). São Bento enfatiza e desenvolve esta consciência no capítulo 35 da Regra, que fala dos serviços relacionados a cozinha, serviços que os irmãos tinham que fazer em turnos semanais. O capítulo começa com o princípio fundamental: "Os irmãos se sirvam uns aos outros" (RB 35,1). São Bento dispensa somente os enfermos e os que tem ocupações comunitárias realmente intensas, porque, diz "assim se adquire mais mérito e caridade" (35,2). E logo depois repete: "Todos os outros irmãos se sirvam com caridade [*sub caritate*]" (35,6).

"*Sub caritate*": é como se, servindo-se, cada um se colocasse a serviço da caridade, isto é, reconhece que a caridade é superior a tudo e a todos, é o maior carisma, o valor maior (cf. 1Cor 12,31 e 13,13). Há como um senso de veneração da caridade que São Bento pede para ter em todos os serviços comunitários, como se os irmãos, trabalhando, não deveriam nunca perder a consciência que "*Deus caritas est* – Deus é amor" (1 Jo 4,16) e, assim vivessem o serviço adorando a Deus, sem interromper o serviço de adoração ao qual, como monges, são consagrados.

Vivido "sob a caridade", o serviço fraterno não alimenta só a unidade da comunidade, mas também a unidade com Deus, em uma única comunhão de amor.